Uma grande surpresa

Barbara nasceu na Suécia, estudou canto e no início do século XXI foi com seu marido à Arábia Saudita. Ali começou a assistir programas religiosos, “só porque era proibido”, mas aos poucos, Deus conquistou o seu coração.

15/03/2021

Como você já sabe, nasci em Norrland e quando eu tinha cinco anos, a minha família se mudou para Svealand, no centro da Suécia. É de

lá que vêm todas as minhas lembranças de infância. Minha mãe era uma mulher loira e alta, muito discreta. Tão discreta que minhas amigas me diziam: “O quê? Você não sabe? Sua mãe não lhe contou?” E logo me contavam algo ruim sobre algum conhecido. Sempre eu era a última a saber porque minha mãe nunca fofocava ou fazia algum comentário negativo sobre ninguém, mesmo tendo uma especial intuição para conhecer as pessoas.

Ela era protestante não praticante, como eu, como meus avós e como a maioria das pessoas na Suécia, um país muito laicista desde o final do século XIX. Somente íamos à Igreja no dia de Natal. A igreja era decorada com flores e cantávamos hinos antigos como *Filha de Sião* e *Noite Feliz*.

Tínhamos um pastor muito jovem que gostava muito de música clássica

e sagrada e sempre me pedia para cantar. Também havia um organista maravilhoso que tocava Mendelssohn, Schubert e Bach (especialmente Bach!). Aos oito anos de idade fiz minha estreia na igreja com a Ave Maria de Schubert.

Eu, a música e Arne

Aos quinze anos fui estudar canto em Västerås com Birgitta Samuelsson, e aos dezoito anos em Uppsala, com Marianne Eriksson. Eu achei a cidade séria e fria. Os estudantes bebiam muito, e embora eu adore dançar, não gostava do ambiente das discotecas. Venha conosco, Barbara! – diziam. “É muito divertido!” Para mim era uma alegria superficial.

Depois estudei em Malmö com Nils Bäckström, que tinha cantado nas grandes óperas da Europa e era um verdadeiro cavalheiro. Inclusive, era ele que cantava o papel principal em Rigoletto, com o tenor Rolf Björling,

filho do lendário tenor Jussi Björling, que morreu nos anos 60.

Durante os dois primeiros anos em Uppsala me senti muito só, até que conheci Arne, um garoto de 20 anos que estava estudando literatura francesa e inglesa antes de começar Medicina. Ele era o mais velho de quatro irmãos, de uma família protestante não praticante como a minha, e nós tínhamos muito em comum: ambos éramos apaixonados por música clássica e tínhamos a mesma maneira de ver a vida. Por exemplo, quando começaram a estudar os abortos na faculdade, nós dois nos sentíamos repugnados com isso. Poucas pessoas na Suécia eram contra o aborto. Nossa rejeição não era por razões religiosas (acreditávamos em Deus, mas não éramos praticantes), mas porque estávamos convencidos de que aquilo era mau sob todos os pontos de vista: científico, ético e humano.

Casamo-nos e moramos em diferentes lugares da Suécia e da Dinamarca. Arne especializou-se primeiro em Uppsala e depois em Malmö até se tornar um cirurgião especialista em técnicas avançadas. Fui durante muitos anos professora de canto em Malmö e fiz parte do coro da orquestra sinfônica.

Não sabia distinguir o Antigo e o Novo Testamento...

Em junho de 1989, João Paulo II esteve na Suécia por três dias. Arne e eu o conhecíamos pelos jornais, mas não sabíamos muito sobre ele, ao contrário de minha mãe, que se interessava pelo catolicismo há muitos anos e tinha, como eu já disse, um dom especial para avaliar as pessoas. Ela me disse que ele era um homem muito, muito excepcional, uma pessoa extraordinária, e várias outras coisas que me surpreenderam, tratando-se do papa

dos católicos, aos que eu respeitava, mas em quem nunca havia prestado atenção.

Minha mãe morreu logo depois, aos 74 anos, de câncer, para minha grande tristeza e surpresa, porque eu tinha tias de 108, 100 e 98 anos de idade, e pensei que ela viveria pelo menos mais vinte anos. Durante esse tempo comecei a rezar e encontrei uma Bíblia, mas como nunca a havia lido, não conseguia distinguir bem entre o Antigo e o Novo Testamento.

Quando eu era criança, dos cinco aos oito anos, ia todos os domingos ao *söndagsskolan*[1], onde havia senhoras que nos liam a Bíblia, geralmente passagens do Antigo Testamento, como a saída do Egito, quando os judeus fugiram do Faraó e de seus soldados. Do Novo Testamento eu conhecia apenas algumas parábolas, como a parábola do *Filho Pródigo*, mas ninguém tinha

me explicado que o bom pai da parábola que recebe o filho perdido era o próprio Deus, que nos ama sempre e espera que voltemos a ele.

A leitura dos Salmos me deu paz. Uma amiga protestante que conheci aos treze anos me ajudou muito. Ela me consolava, me encorajava e me falava de Deus.

O “gostinho” do proibido

Anos se passaram e no início deste século um amigo consultou a Arne sobre a possibilidade de ele trabalhar na Arábia Saudita. Eu sabia que teria que passar muitas horas sozinha, mas estava disposta, porque a oportunidade profissional era muito interessante. Além disso, eu poderia me manter em contato com o mundo ocidental por meio de uma TV via satélite.

Chegamos em julho de 2001. Ficamos muito surpresos com a intolerância.

Qualquer manifestação religiosa pública diferente do Islã era proibida. Eles nem mesmo podiam assistir a programas de outra religião na Internet.

Como eu raramente saía à rua (fazia muito calor), tinha muito tempo livre e não conhecia ninguém, comecei a pesquisar na Internet por programas religiosos (a princípio, pelo gostinho do proibido) e encontrei o ETWN, canal de TV e internet promovido por Madre Angélica. Dia após dia, eu assistia a programas que falavam daquele catolicismo pelo qual minha mãe estava tão interessada. Fazia comentários sobre eles ou assistia-os novamente com Arne.

Foi uma grande surpresa. Nunca ouvimos falar tanto sobre a infinita misericórdia de Deus. Do amor de um Deus que está muito perto de nós; do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a Trindade que vive em nossa alma. O

Deus que tinham nos apresentado até então era muito mais distante. E descobrimos o purgatório. A encíclica *Spe Salvi*, de Bento XVI, foi um bálsamo para a alma. Isso nos deu uma perspectiva muito diferente sobre a fé.

11 de setembro de 2001

E fomos descobrindo as raízes católicas da Suécia. Até que, na noite do 11 de setembro, fui ao centro da cidade, de carro, para fazer umas compras. Quando parei em um farol, um colega do Arne, que estava em outro carro, me disse: “Mas Bárbara: você não sabe o que aconteceu?”

Isso me lembrou da minha infância. Não tinha ideia do que (desta vez sem exagero) o mundo inteiro sabia! Ao chegar ao shopping notei uma atmosfera estranha. Todas as mulheres, cobertas com véus, falavam em seus celulares. Alguns meninos começaram a gritar: *Fora,*

Americanos! E decidi voltar para casa imediatamente. Exceto por algumas crianças que atiraram pedras no carro, não aconteceu nada comigo. Ligamos para o embaixador. Ele nos disse para ter cuidado. Os boatos começaram e aconteceram coisas muito desagradáveis que não foram publicadas no Ocidente. Eles nos olhavam como se fôssemos inimigos dos muçulmanos, quando nem Arne nem eu somos inimigos de ninguém, nunca fomos.

Como não nos sentíamos seguros, assim que Arne recebeu uma oferta para trabalhar no Bahrein, partimos. Do Bahrein mudamos para Dubai, onde encontramos a igreja de São Francisco. A missa dominical era celebrada ali às sextas-feiras, porque os outros dias eram laborais[2]. Íamos cerca de três mil pessoas de todas as raças: europeus, africanos, filipinos .... Lá conhecemos um capuchinho, o padre Eugene Mattioli,

que nos ajudou muito no caminho para o catolicismo.

Foi um caminho agradável, porque tudo nos atraia. Gostávamos particularmente da importância dada pelo catolicismo à relação entre razão e fé. Arne é um cientista e eu, como meio-soprano, sei que se deve cantar com sentimento. Mas não dá para cantar bem só com o sentimento: é necessário estudar, raciocinar, aprender, ensaiar, pensar …

Para nós foi uma descoberta fantástica, à medida que conhecíamos melhor a história da Igreja Católica, saber que graças ao cristianismo foram lançadas grande parte das bases da civilização ocidental: a Igreja fundou as primeiras universidades, os hospitais … e acima de tudo, difundiu a caridade; não só para a própria família, como acontecia antes, mas

para todos. Graças à Igreja, foi proclamado que homens e mulheres somos iguais em dignidade.

E depois havia o exemplo dos santos: Edith Stein, Maximiliano Kolbe, Teresa de Ávila, João da Cruz, Damião de Molokai … Houve uma mulher polonesa que me impressionou muito, mas muito: Santa Faustyna Kowalska! Em Dubai comprei pela internet o seu diário[3] e, como este, muitos livros e DVDs sobre Jesus, a Virgem Maria, a Igreja e os santos. Eu mandava entregar os livros no endereço do hospital onde Arne trabalhava…!

Um ano antes de sermos recebidos em plena comunhão com a Igreja, o Cardeal Ratzinger foi nomeado Papa em 2005. Para nós, o pontificado de Bento XVI foi, 100%, uma verdadeira bênção! Faltam as palavras para expressar a nossa gratidão. Seu conhecimento teológico, sua maneira

de se expressar, sua enorme humildade, sua simplicidade, seu conhecimento da liturgia e da música litúrgica e sacra, seus livros maravilhosos, etc. Vimos a mão de Deus por trás disso.

Fui aprofundando no canto litúrgico, que segue os ensinamentos do salmo: *cantai com sabedoria* (em latim:*"psallite sapienter"*). A liturgia precisa do canto e não só por estética, porque as palavras dizem muito, mas quando cantamos, dizemos muito mais, porque tentamos expressar o inefável.

"Quero ser católico!"

E um dia Arne disse em voz alta o que eu queria ouvir há muito tempo: "Quero ser católico!"

Entusiasmam-me o órgão, as peças clássicas e latinas, como tantos suecos, mas quando fizemos a profissão de fé não houve nada disso.

No coro estavam africanos, asiáticos e pessoas de vários países. E eles cantaram aquelas canções cheias de ritmo, com tambores e percussão, que tanto amam.

Ao ouvi-los, agradeci a Deus, pensando: “finalmente cheguei à Igreja em que todos cabemos! A Igreja não é daqui nem dali: é de Cristo; e Cristo é para todos os tempos, para todas as culturas, para todas as raças … e também para todos os gostos!”

Depois pensei que além do canto litúrgico solene, é necessário o canto religioso popular, que exprime o modo de ser de cada povo e revela algo muito belo: a unidade, pois geralmente é cantado em coro, todos juntos. Essa atitude de cantar todos juntos é como um avanço da unidade dos cristãos, esse imenso dom que pedimos a Deus.

Muitas pessoas ajudaram-nos de forma decisiva no nosso caminho, como Anders Arborelius, o nosso bispo sueco, e os sacerdotes do Opus Dei. Encanta-nos a maneira de agir das pessoas do Opus Dei, que não excluem ninguém, católico ou não. Amamos muito São Josemaria e o Bem-aventurado Álvaro. Sempre que podemos, Arne e eu vamos aos retiros que são organizados para homens e mulheres, e que nos fazem muito bem ...

Lembro-me que quando cantei o MESSIAS pela primeira vez, não sabia que o texto era da Bíblia, nem o que significava a letra. Mas algo me dizia que aquilo era mais do que música e chegava ao mais profundo do meu coração. Quando terminava, eu voltava para casa de bicicleta, cantando pelas ruas. Às vezes eram árias de ópera, mas quase sempre era música em que sentia que Deus falava comigo. Deus sempre falou

comigo por meio da música. Por isso, não me importa se são quatro ou quatro mil pessoas que me ouvem: canto para Deus, e quando canto me uno a Ele, e peço que aconteça o mesmo para quem me escuta. Estou ciente de que na liturgia é Deus quem age e nós somos *"sugados"* para o campo de ação de Deus. O resto é secundário.

Deus aproximou Arne e eu da Igreja Católica por meio da arte: a música, a pintura, a arquitetura.

Esta tarde, depois de rezar o terço no terraço, recordei, mais uma vez, como Nossa Senhora foi decisiva em nossa vida. E pensei em sua humildade. Ela nunca esteve na primeira fila. E em sua fidelidade total, uma inspiração para todos os que acreditam. Agora, graças a Deus, a Igreja Protestante Luterana (que eu tanto amo, porque nela fui batizada) está se abrindo cada vez mais a

Nossa Senhora, mas na nossa infância e quando éramos estudantes ela desaparecia após o nascimento de Jesus. É uma maravilha descobrir a sua importância, porque ninguém conhecia Jesus melhor do que ela!

Arne e eu também amamos muito São José, o pai protetor de Jesus. Principalmente na sociedade de hoje, com tanta confusão, com os problemas familiares, etc., ele é um importante modelo a imitar para todos, e especialmente para os jovens.

---

[1] *«Söndagsskolan»*: Escola dominical

[2] Pelas peculiares circunstâncias desse país de maioria muçulmana, pode-se cumprir o preceito dominical na sexta-feira, sábado ou domingo.

[3] *Diário: a Divina Misericórdia em minha alma,* Santa Faustina Kowalska.

---

pdf | Documento gerado automaticamente de https://opusdei.org/pt-br/article/uma-grande-surpresa/ (12/12/2025)